
S. Pedro (Coruche): novos dados para o processo de romanização do vale do Sorraia na época augustana e júlio-claudiana

JOSÉ CARLOS QUARESMA
CRISTINA CALAIS

R E S U M O

Este artigo apresenta um conjunto de materiais de época romana exumado na escavação de níveis medievais/modernos da Igreja de São Pedro (Coruche), em 2001. Este conjunto, embora proveniente de revolvimentos de níveis romanos não confirmados, documenta uma ocupação romana em época augustana e júlio-claudiana e novos dados sobre a romanização do vale do Sorraia.

R É S U M É

Cet article présente l'ensemble de matériaux d'époque romaine livré dans les fouilles des niveaux du Moyen Âge et de l'Âge Moderne dans l'église de São Pedro (Coruche). Cet ensemble, quoique provenant de bouleversements de niveaux romains non confirmés, documente une occupation romaine d'époque augustéenne et julio-claudienne et des nouvelles données sur la romanisation du la vallée du Sorraia.

Introdução¹

O presente artigo apresenta os resultados do estudo do espólio exumado nas escavações da Igreja de S. Pedro, em Coruche, no Baixo Ribatejo, na sequência de uma acção de emergência em ambiente urbano, realizada em 2001, pela segunda signatária deste artigo.

Nessa escavação, uma série de estruturas medievais/modernas, associada a um espólio considerável, estratigrafado, foram detectadas, e, nesses mesmos níveis arqueológicos, encontrava-se todo o espólio de época romana agora apresentado.

Nenhuma unidade estratigráfica foi considerada de época romana, pelo que apenas duas conclusões são possíveis: ou existem unidades anexas, não detectadas, mas violadas pelas cons-

truções posteriores (a escavação não alcançou a rocha de base); ou as construções medievais/modernas trouxeram terras de níveis romanos, com materiais embalados, de outras áreas, provavelmente também próximas.

Num total de 93 fragmentos (dos quais, 30 exemplares classificáveis), este conjunto fornece uma visão sobre as relações comerciais entre as épocas augustana – embora haja dados tardo-republicanos – e júlio-claudiana – embora também haja dados posteriores no vale do Sorraia, afluente do Tejo.

Apresentamos todos os fragmentos do espólio: os exemplares classificáveis são tratados ao longo do texto (nomeando-se igualmente o n.º de inventário dos exemplares que não foram desenhados); e os exemplares não classificáveis (quadro 3).

As figuras são apresentadas à escala 1/2, com exceção da marca de oleiro (n.º 5), com uma reprodução da marca à escala de 1/1.

Na numeração de inventário das peças constam três campos: o acrónimo “SP”, seguido do número de complexo da escavação e do número de peça.

1. Análise do espólio

1.1. Terra sigillata *itálica*

Consp. 15

O n.º 1 é um fragmento desta taça campanulada com bordo curvo que pode possuir roleta externa. O seu diâmetro mede 10,3 cm.

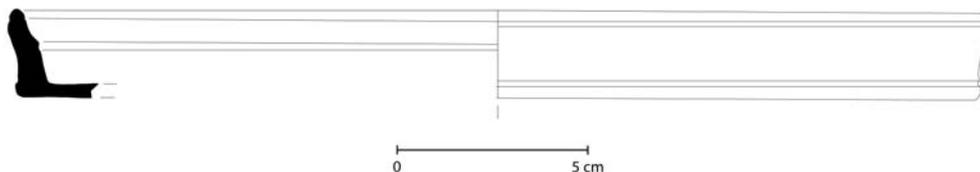
A sua produção decorre entre meados de Augusto e finais do mesmo principado (Ettlinger et al., 1990, p. 78).



Est. 1

Consp. 18

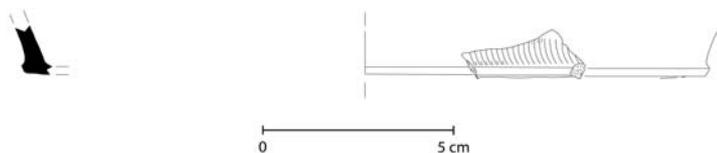
O n.º 2 é um fragmento de bordo com carena com 25,6 cm de diâmetro. Este exemplar pode ser mais precisamente classificado como Consp. 18.2.1. A forma Consp. 18 é um prato fabricado entre Augusto e Tibério (Ettlinger et al., 1990, p. 82).



Est. 2

Consp. 19, 20 ou 21

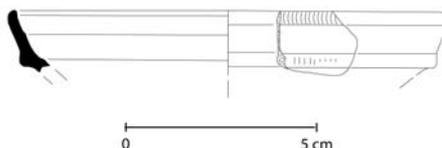
O n.º 3 é um fragmento de carena de prato roletado cuja impossibilidade de observar o bordo, bem como a existência ou não de moldura interna ao nível da carena nos impede de classificar com precisão. A cronologia destas três formas decorre entre Augusto e Tibério, embora as formas 20 e 21 possam atingir os inícios de Cláudio (Ettlínger et al., 1990, p. 80-86).



Est. 3

Consp. 22

Esta taça está representada pelo n.º 4. É um fragmento de bordo vertical, côncavo, com dois frisões de roleta sobre as molduras e 11,5 cm de diâmetro. Foi fabricada em Augusto, a partir da segunda década do século I a.C. (Ettlínger et al., 1990, p. 90).

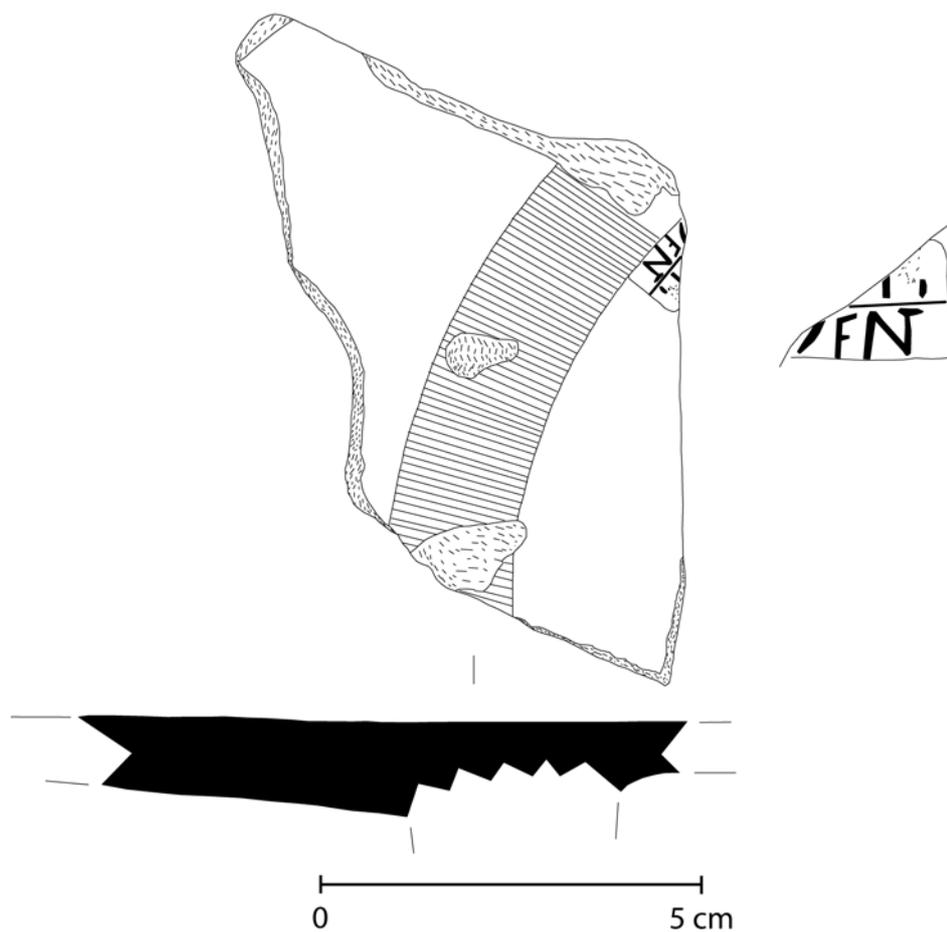


Est. 4

Marca de oleiro

O n.º 5 é um fundo de prato com roleta fina e marca radial.

A dificuldade de leitura da marca, sobretudo pela sua fractura, impede-nos de concluir uma leitura e afirmar com certeza a oficina de origem. Na leitura possível,]FNT, a geminação da letra N com a letra T levou-nos a atribuir provisoriamente esta marca a FONT(EIANVS?), um oleiro que fabricou sobretudo taças cônicas e cujas marcas presentes no *Corpus* são sempre elaboradas com uma única linha de texto. Contudo, o facto de este oleiro ter trabalhado entre 10 a.C. e 10 d.C. (Oxé, Comfort e Kenrick, 2000, p. 227) e de as marcas radiais serem produzidas desde época pré-augustana até 15-10 a.C. (Viegas, 2003, p. 42) permite a hipótese desta marca de S. Pedro ser uma das mais antigas deste oleiro.



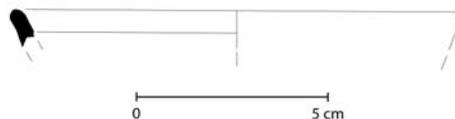
Est. 5

1.2. Terra sigillata sudgálica

Drag. 15/17

Para além de duas carenas sem desenho (n.ºs SP-02-34 e SP-02-36), um fragmento de bordo (n.º 6) foi classificado. Este exemplar possui 11,7 cm de diâmetro.

Esta forma de prato terá começado a ser produzida nos inícios do século I d.C. e diminuiu bastante de frequência na segunda metade da mesma centúria, particularmente a partir de Nero (Polak, 2000, p. 86). A produção parece pertencer apenas ao século I, no que respeita ao Sul da Gália (Oswald e Pryce, 1920, p. 175).

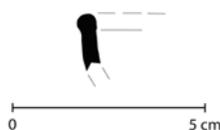


Est. 6

Drag. 18

Dos exemplares classificáveis (n.ºs 7; 8; 9), os dois últimos apresentam diâmetros de 16,7 e 18,6 cm respectivamente.

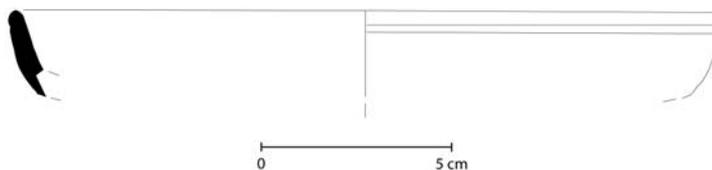
Esta forma foi fabricada entre 10 e 120 d.C., segundo Polak, embora esta proposta inclua a evolução para a Drag.18/31 (2000, p. 91). Passelac e Vernhet (1993, p. 572) datam-na de 15-60 d.C., propondo a Drag.18/31 para momentos entre 60 e 150 d.C.



Est. 7



Est. 8



Est. 9

Drag.27

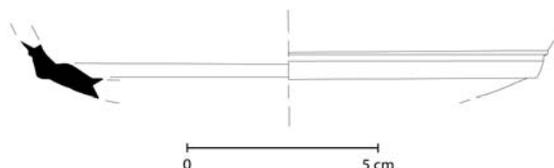
Esta tigela está representada por um fragmento de carena, sem desenho (n.º SP-29-B). A cronologia deste tipo começa em Augusto (Oswald e Pryce, 1920, p. 186; Polak, 2000, p. 118). A sua produção termina entre 120 (Passelac e Vernhet, 1993, p. 572) e 150 d.C. (Oswald e Pryce, 1920, p. 186).

*1.3. Terra sigillata hispânica**Drag.15/17*

Dois exemplares classificáveis: o n.º SP-89-01 não foi desenhado; e o exemplar n.º 10 é um fragmento de carena, com moldura algo suavizada e 13,1 cm de diâmetro. A pasta e o verniz indiciam uma origem nordestina do exemplar.

Segundo Mayet (1984, p. 70), a aplanção do bordo já acontece no seu grupo 2, o que con-

fere alguma possível antiguidade a esta peça, no contexto cronológico de fabrico desta forma. Roca Roumens e Fernández García (1999, p. 287) datam esta forma entre cerca 40 d.C. e cerca 300 d.C., embora as cronologias de século I ou II sejam as mais usadas.

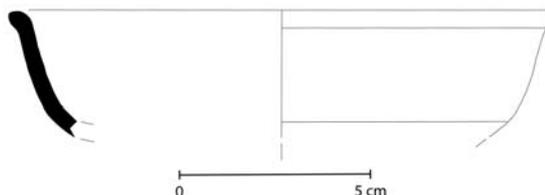


Est. 10

Drag.18

Segundo Roca Roumens e Fernández García (1999, p. 287) a cronologia desta forma decorre entre meados do século I e finais do século II. Mayet (1984, p. 71) defende que as peças do Nordeste não deverão ultrapassar os inícios do século II.

O n.º 11, com 14,2 cm de diâmetro de bordo possui igualmente pasta que o relaciona possivelmente com o foco nordestino.



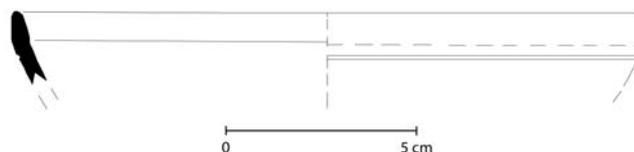
Est. 11

1.4. Terra sigillata de Lezoux?

Curle 15?

O n.º 12, com 16,5 cm de diâmetro de bordo é um caso difícil de classificar, embora a sua forma se assemelhe à taça produzida o centro da Gália. Contudo, este tipo costuma ter uma inflexão no perfil muito mais marcada entre a parede esvasada e o bordo vertical. O exemplar de S. Pedro levanta assim algumas dificuldades de classificação e de orientação do desenho, pela sua pequenez.

A forma Curle 15 é um prato/taça liso, campanulado, de bordo verticalizado, normal em contextos do século II d.C. (Oswald e Pryce, 1920, p. 197). O fabrico deste exemplar em estudo parece coincidir com as descrições das produções deste centro no século II/inícios do III: a sua pasta é vermelha, bem como o verniz. O facto de este não ser brilhante, e a pasta apresentar tons de vermelho muito escuro denunciam sobrecozedura da peça de S. Pedro, já que o brilho do verniz é um aspecto característico do século II ou inícios do III (Bet e Vertet, 1986, p. 139).



Est. 12

1.5. Almofarizes

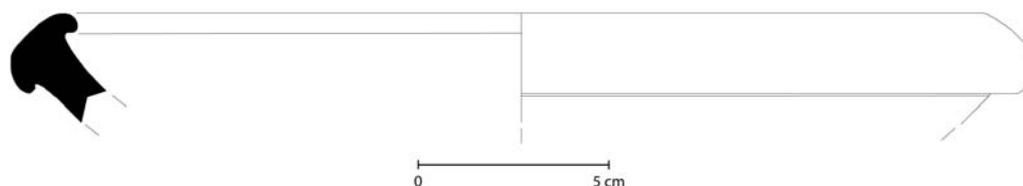
Os dois fragmentos de almofariz de S. Pedro (n.ºs 13 e 14) enquadram-se no tipo IV-A-2 definido por Vaz Pinto (2003, p. 260) como um “almofariz de bordo arredondado voltado para o interior, por vezes com ressalto no exterior, parede quase recta e esvasada com estrias na parte superior. Este almofariz corresponde igualmente a um das 4 formas de bordo que já haviam sido apontadas por nós num estudo sobre o espólio de Povos, Vila Franca de Xira (Quaresma, 1995-1997, p. 31). Por fim, corresponde ainda ao almofariz 14 do tipo 7 definido por Vegas (1973, p. 31-34).

O fabrico deste tipo de almofarizes corresponde ao fabrico 9 de S. Cucufate (Vaz Pinto, 2003, p. 260). A pasta destes almofarizes é arenosa, branco-amarelada, embora possa assumir tons de ocre-amarelado (Vegas, 1973). Em 5 exemplares de S. Cucufate verificou-se um leve engobe alaranjado ou rosado.

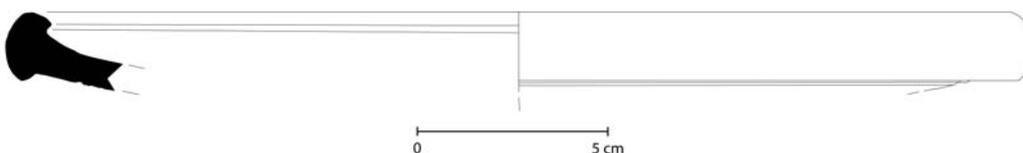
No espólio de S. Cucufate, os diâmetros variam entre 20 e 36 cm, sendo o valor mais comum o de 30 cm (Vaz Pinto, 2003, p. 260). Em S. Pedro, o n.º 13 possui 26,7 cm e o n.º 14, 26,9 cm.

A origem destas cerâmicas é bética, onde já é conhecido um forno de produção, em Granada (Vegas, 1969, p. 235).

Em termos cronológicos, este tipo situa-se no Alto Império, embora alguns exemplares de S. Cucufate e um de Povos levantem a questão de uma possível sobrevivência no Baixo-Império (Vaz Pinto, 2003, p. 260; Quaresma, 1995-1997, p. 31). Contudo, a esmagadora maioria é encontrada em níveis dos séculos I e II: em níveis flavianos e trajanianos (Alarcão et al., 1976, n.ºs 5, 14, 17 e 12); na segunda metade do século I, na Ilha do Pessegueiro (Silva et al., 1984, p. 37 e n.º 28); nos horizontes 1 e 2 de S. Cucufate, datados entre a segunda metade do século I e o segundo terço do século II (Vaz Pinto, 2003, p. 260); em Pisões, nos níveis dos séculos I e II (Vaz Pinto, 2003, p. 260); no Monte da Cegonha, no século I (Vaz Pinto, 2003, p. 260).



Est. 13



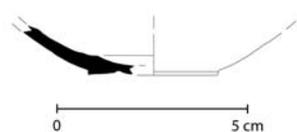
Est. 14

1.6. Paredes finas

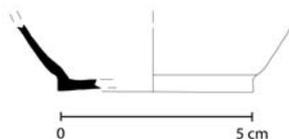
Ambos os fragmentos presentes (n.ºs 15 e 16) pertencem ao grande conjunto de importações de cerâmicas deste tipo em época republicana/augustana, provenientes da península itálica e, nestes dois casos, mais precisamente da Campânia.

O n.º 15 pertence ao tipo Mayet III (*gobelets*) que podem ser altos ou baixos, lisos ou decorados, com ou sem asa, podendo repousar sobre um pseudo-pé, como acontece com o exemplar de S. Pedro. É uma forma característica do século I a.C., sobretudo da sua segunda metade e está ausente dos níveis augustanos do *limes* germânico (Mayet, 1975, p. 29). O fabrico do exemplar em estudo parece corresponder ao grupo Ib de Arruda e Sousa (2003, p. 241), que as autoras fazem equivaler ao grupo 3 da Campânia, exposto por Ricci (1985, p. 347). O n.º 15 possui exactamente uma pasta dura, algo sonora e compacta, com raros enp. A sua pasta castanho-alaranjada possui núcleo cinza. A superfície apresenta algum polimento.

O n.º 16 poderá classificar-se nos tipos III, IV ou V de Mayet, algo que só um maior campo de leitura da peça poderia esclarecer. Estes *gobelets* podem ser mais ou menos fechados, mais ou menos ovóides, e as estampas de Mayet (1975, p. 29-35) apresentam alguns exemplares com pé mais marcado, como é o caso do exemplar em estudo. O tipo IV de Mayet data-se do século I a.C. e o tipo V, entre o fim do primeiro quartel do século I a.C. e Augusto. O exemplar de S. Pedro parece corresponder ao grupo II de Arruda e Sousa (2003, p. 241), com pasta laranja, menos compacta do que a do exemplar n.º 15 e com enp compostos por raras areias negras visíveis a olho nu. As autoras do estudo sobre o espólio de Santarém estabelecem uma correspondência provável entre este fabrico e o grupo I de Ricci (1985, p. 347), proveniente da Campânia.



Est. 15

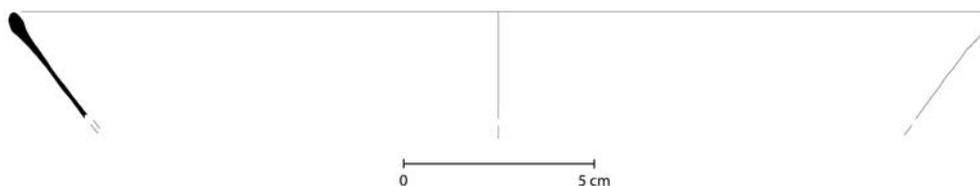


Est. 16

1.7. Vidro

O único fragmento classificável é o n.º 17, um prato ou taça com 25,7 cm de diâmetro e bordo espessado, em vidro incolor. A forma mais próxima de Isings, a 116, datada do século IV ou inícios do V, não se assemelha totalmente a este exemplar (Isings, 1957, p. 143-144).

Conimbriga fornece melhores indicadores: porventura o melhor paralelo será o n.º 280, em vidro ligeiramente esverdeado, um prato, com 200 mm de diâmetro e espessura mínima de 0,5 mm, que poderá ajustar-se ao exemplar de S. Pedro. Deverá pertencer provavelmente ao século III e os autores da monografia indicam ainda que um exemplar incolor foi encontrado nas escavações antigas (Alarcão et al., 1976, p. 207).



Est. 17

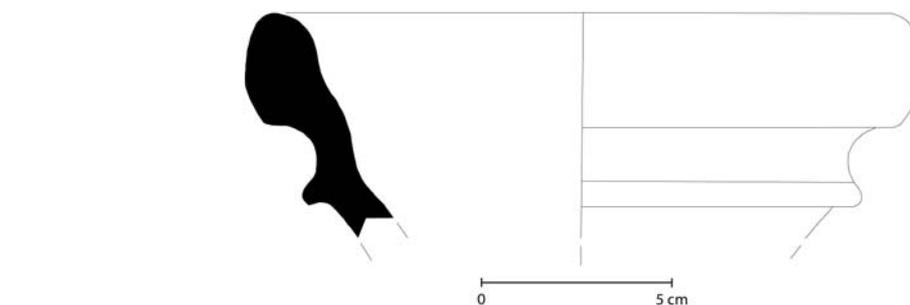
1.8. Ânforas

1.8.1. Guadalquivir

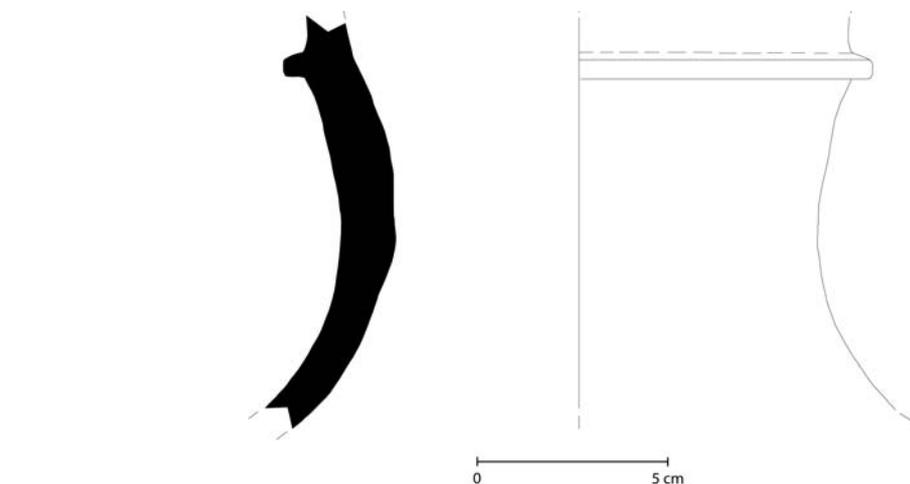
Classe 67

Esta ânfora com origem no Guadalquivir foi classificada por Carlos Fabião (1989, p. 65) e pertence ao grupo das chamadas “ânforas ovóides tardo-republicanas”. Apesar de já lhe ter sido atribuído um tipo, apenas dois exemplares inteiros são conhecidos: uma provém de La Cueva de las Peñas Blancas (Cartagena) (Lillo Carpio, 1986); a segunda provém de descobertas de pescadores ao largo de Alverca (Quaresma, no prelo). Conteria preparados de peixe, embora também seja possível que transportasse vinho ou azeite (Molina Vidal, 1993, p. 420). A cronologia desta ânfora decorre desde do século II — provavelmente a sua segunda metade — e o século I a.C., a ver pelos diversos contextos estratigráficos conhecidos (Lillo Carpio, 1986). Os dados recentes do naufrágio levantino de Escombreras 3 (Pined Reyes e Alonso Campoy, 2004, p. 146) indicam a sua presença num momento dos inícios do século I d.C. Diga-se, porém, que esta deve ser a cronologia mais alta desta ânfora, que parece terminar com Augusto, segundo a estratigrafia de sítios como El Molinete (Cartagena) e Loma de Herreñas, Mazarrón (Molina Vidal, 1993, p. 420).

A pasta do n.º 18 (com 17,9 cm de diâmetro de bordo) e do n.º 19 (com 15,6 cm de diâmetro de colo ao nível da moldura) não deixa qualquer dúvida quanto à origem no Guadalquivir destes exemplares.



Est. 18



Est. 19

Classe 15

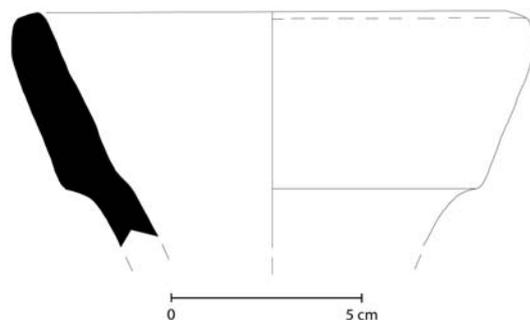
Para além do fragmento de colo com arranque de asa (n.º SP-05-09+SP02-24+SP-12-17) — sem desenho —, cinco exemplares de bordo pertencem a esta classe.

Esta ânfora, morfologicamente relacionada com a classe 6, vinária, e a classe 16 — preparados de peixe —, foi fabricada igualmente no vale do Guadalquivir, desde meados do século I a.C. até à segunda metade do século I d.C. ou até mesmo aos inícios do século seguinte (García Vargas, 1998, p. 98; Fabião, 1994, p. 18), com uma predominância em época júlio-claudiana. No naufrágio de Escombreras 4, datado da segunda metade do século I d.C., a classe 15 é abundante e está acompanhada de um conjunto de outras ânforas também béticas (Pined Reyes e Alonso Campoy, 2004, p. 148).

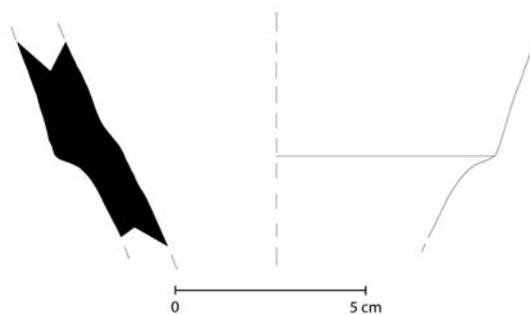
Ânfora vinária (Peacock e Williams, 1986, p. 116), pode igualmente ter servido para o transporte de azeite (Fabião, 1994, p. 18).

Todos os exemplares de bordo de S. Pedro (n.ºs 20, 21, 22, 23, 24) possuem-no em banda bem marcada, mais próximo de épocas augustanas do que claudianas (Mayet e Silva, 2002, p. 29). Os diâmetros variam entre 13,6 e 20,4 cm.

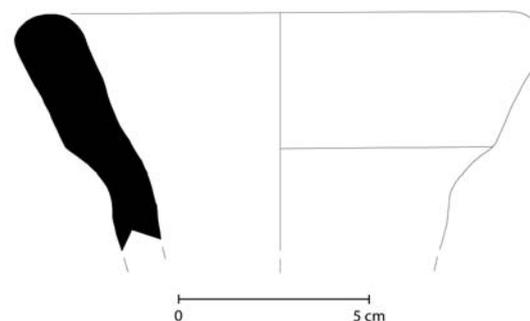
Est. 20

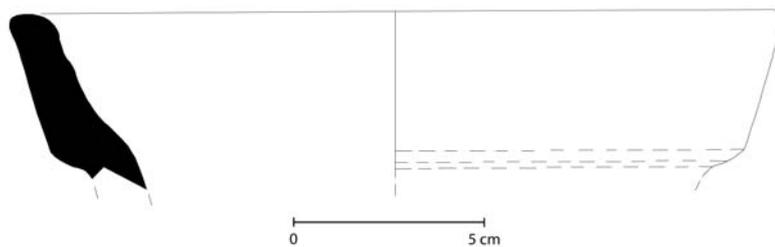


Est. 21

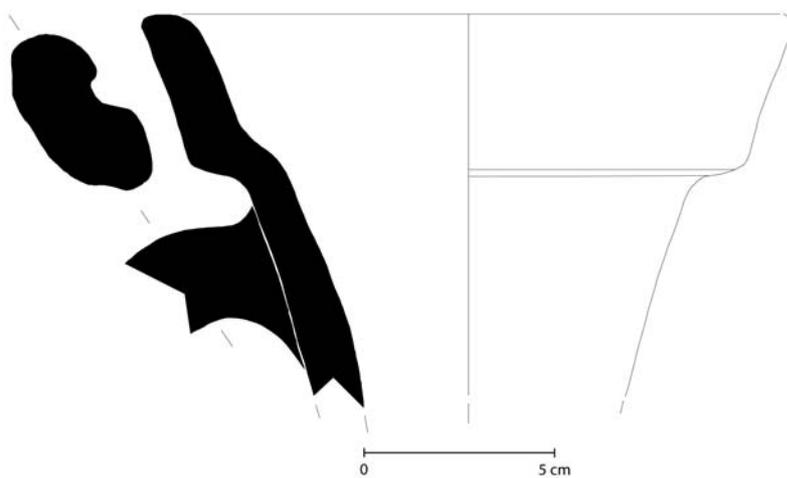


Est. 22

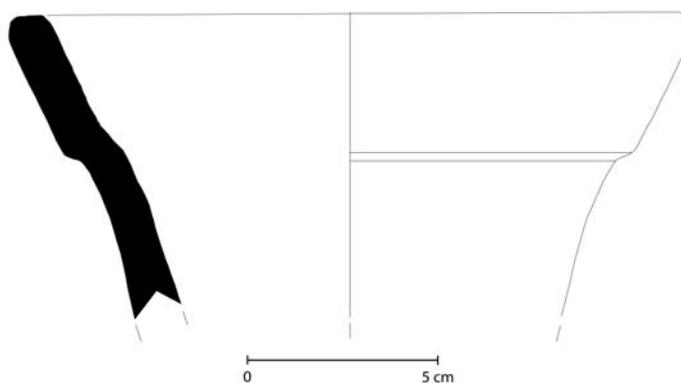




Est. 23



Est. 23



Est. 24

1.8.2. Vale do Tejo ou do Sado

Classe 15

A Classe 15 foi também produzida nos fornos de Abul, no vale do Sado, durante Augusto e Tibério, como as recentes investigações têm demonstrado (Mayet e Silva, 2002, fig. 16). Terá sido, a par da Dressel 7-11, umas das duas grandes influências para a modulação da

ânfora de preparados de peixe lusitana, Classe 20/21. Nesta linha, F. Mayet e C. T. da Silva (1998, p. 62, 63) definem mesmo uma variante da Classe 20/21 de bordo em banda (variante A), produzida nos fornos de Abul e Setúbal. A proximidade de Coruche aos fornos da bacia final do Tejo, em particular da Garrocheira, também situados na bacia do Sorraia, em Benavente (Amaro, 1990), não deixam de constituir uma possível relação de origem, embora até, ao momento, não esteja comprovada a produção de Classe 15 na área tagana: conhece-se um exemplar inteiro proveniente de pesca realizada à entrada do estuário do Tejo (a montante de Alhandra, Vila Franca de Xira), o que poderá supor uma origem local para este ânfora. Ambos os exemplares possuem pastas muito semelhantes (Quaresma e Calais, 2005).

O n.º 25 possui 17,9 cm de diâmetro de bordo e uma pasta depurada, laranja-avermelhada, semelhante às pastas dos vales do Tejo ou do Sado.

2. Algumas breves considerações para conclusão

A partir do espólio apresentado é possível concluir que, em época alta, no contexto da ocupação romana do território ocidental da Península Ibérica, o vale do Sorraia terá sido objecto de ocupação estável, de cujo fenómeno, o sítio de S. Pedro é um indicador objectivo (ver *infra* Quadros 1 e 2).

Apesar das referidas anomalias de detecção do espólio, que impedem de momento uma correcta aferição do seu significado, o conjunto apresenta uma notável coerência cronológica, e até mesmo geográfica, que permite inferir ser quase todo ele proveniente de contextos estratigráficos antigos, grosso modo de época augustana/primeira metade do século I a.C., embora haja peças que possam recuar a momentos anteriores, tardo-republicanos, como as paredes finas n.ºs 15 e 16, e peças que são claramente de momentos posteriores — a *terra sigillata* de Lezoux (n.º 12) e o vidro (n.º 17) que se enquadram nos séculos II e III.

A própria cronologia da *terra sigillata* hispânica, extensível a momentos posteriores a meados do século II d.C., pode alcançar a centúria seguinte, mas a escassez do espólio, bem como a ausência de exemplares claramente flavianos, fenómeno que acontece igualmente no conjunto de origem sudgálica, podem fazer recuar a cronologia destas importações para uma fase mais consentânea com a cronologia de pendor augustano/primeira metade do século I d.C., que os quantitativos de *terra sigillata* itálica e de ânforas “ovóides” do Guadalquivir e Tejo/Sado levam a supor.

Embora outros elementos tenham cronologias de fabrico “alto imperiais”, como os almorfarizes béticos, ou as paredes finas hispânicas e as ânforas gaditanas (fragmentos não classificáveis; ver Quadro 3), a produção destes tipos recua à primeira metade do século I d.C. (ver *supra*).

A ausência de um outro indicador cronológico da segunda metade do século I d.C., as ânforas Classe 20/21, nomeadamente de origem lusitana, a par da presença de uma Classe 15 do Tejo ou do Sado, provavelmente pré-claudiana, são explicáveis pela presença hegemónica de ânforas do Guadalquivir, quando a Lusitânia encetava apenas a produção autónoma destes produtos, em particular de preparados de peixe, com a produção de ânforas Classe 20/21 de clara inspiração nas Dr.7/11 e Classe 15 béticas, algo que só se cristaliza a partir de meados do século I d.C. (Mayet e Silva, 1998, p. 62). O comércio do vinho e preparados de peixe do Sul da Península, bem como do azeite, teve como um dos grandes destinatários as guarnições dos

limites germânico e britânico, fazendo da costa ocidental da Península Ibérica uma das zonas de passagem preferenciais (ver Fabião, 1993-1994, acerca da problemática do azeite). Os almorfarizes encontrados em S. Pedro, para além de representarem novos gostos em processo de romanização, incluem-se nesta vaga de trocas comerciais proveniente do Sul peninsular (Quaresma, 1995-1997, p. 33).

A própria ânfora Classe 15, tão importante em S. Pedro, já foi igualmente detectada noutras sítios prospectados no vale do Sorraia, como Horta dos Arcos e Águas Belas (n.ºs 116 e 115 do catálogo da exposição do Museu Municipal de Coruche; ver Calais, ed., 2001). Um exemplar de Classe 25 foi detectado em Santa Luzia (Calais, ed., 2001, n.º 117).

A estabilidade das referidas fronteiras setentrionais, a partir de época cláudia, com a conquista dos territórios insulares, terá sido um factor determinante para uma mudança de direcção dos produtos béticos para regiões a oriente da Península, nomeadamente a costa italiana, onde o abastecimento de Roma se havia tornado primordial (Panella, 2001, p. 203).

A romanização — entenda-se, como processo não só de aculturação, mas também de estabelecimento de novas estruturas de ordenamento do território, como o foram as diferentes tipologias urbanas e rurais — foi encetada já em finais do século I a.C. ou primeira metade do século I d.C., na área que ora abordamos.

Com forte potencial agrícola, cujo fértil vale ainda hoje assim é, bem como de fácil ligação fluvial, pois este rio seria provavelmente mais navegável em época romana, o que facilitava os contactos com o curso final do Tejo, a área da actual Coruche deve ter constituído uma zona de atracção ao povoamento, com particulares relações com as áreas de *Olisipo* e *Scallabis*. Com a primeira, através de meios fluviais preferenciais; com a segunda, através de vias terrestres que colocariam Coruche nas ligações de *Scallabis* para sul (Mantas, 2001, p. 55).

As prospecções arqueológicas orientadas pela segunda signatária deste artigo começam a antever — e futuras escavações poderão esclarecer mais pormenorizadamente — um povoamento algo intenso da bacia do Sorraia. Um total de 27 sítios foram já cartografados, numa baliza cronológica decorrente entre os séculos I a.C. e V d.C. Vários desses sítios, dos quais se destaca Santa Luzia (com *terra sigillata* itálica que recua aos finais do século I a.C.), poderão ser *villae* de apreciável importância, a ver pelo tipo e dispersão do espólio (Mantas, 2001, p. 56, 61).

Santa Luzia e S. Pedro, para além de uma grande proximidade espacial denotam uma cronologia com começo mais antigo, de finais do século I a.C., em comparação com os restantes, que parecem fundar-se em épocas imperiais um pouco mais avançadas.

Catálogo

1 (SP-02-33) – Fragmento de bordo. Pasta dura, muito limpa, com fractura rectilínea de cor N25. Verniz fino, manchado, brilhante de cor R39. Diâmetro do bordo: 10,3 cm.

2 (SP-01-07) – Fragmento de bordo. Pasta dura, muito limpa, com fractura rectilínea de cor N25. Verniz fino, manchado, brilhante de cor R39. Diâmetro do bordo: 25,6 cm.

3 (SP-02-29) – Fragmento de carena com roleta fina sobre a parede externa. Pasta dura, muito limpa, com fractura algo rectilínea de cor N25. Verniz fino, manchado, brilhante, de cor R39. Diâmetro da carena: 17,9 cm.

4 (SP-01-04) – Fragmento de bordo. Pasta pouco dura, algo porosa, com fractura conchoidal de cor L29. Verniz fino, manchado, pouco brilhante, de cor S39. Diâmetro do bordo: 11,5 cm.

5 (SP-71-01) – Fragmento de fundo. Pasta dura, muito limpa, com fractura rectilínea de cor N25. Verniz fino, manchado, brilhante de cor R39. Problemas de sobrecozedura da pasta que lhe conferem zonas acinzentadas. Marca radial (em caixilho rectangular?) sobre o fundo interno, junto a roleta. Leitura:]FNT.

6 (SP-05-10) – Fragmento de bordo muito levemente moldurado externamente. Pasta de cor M47, com finos enp em pouca quantidade, dura e de fractura algo rectilínea. Verniz fino, brilhante, de cor R19. Diâmetro do bordo: 11,7 cm.

7 (SP-02-32) – Fragmento de bordo moldurado externamente. Pasta de cor M47, com finos enp em pouca quantidade, dura e de fractura algo rectilínea. Verniz fino, brilhante, de cor R19. Diâmetro do bordo: Ind.

8 (SP-02-35) – Fragmento de bordo moldurado externamente. Pasta de cor M47, com finos enp em pouca quantidade, dura e de fractura algo rectilínea. Verniz fino, brilhante, de cor R19. Diâmetro do bordo: 16,7 cm.

9 (SP-98-167) – Fragmento de bordo moldurado externamente. Pasta de cor M47, com finos enp em pouca quantidade, dura e de fractura algo rectilínea. Verniz fino, brilhante, de cor R19. Diâmetro do bordo: 18,6 cm.

10 (SP-29-70) – Fragmento de carena, com moldura suavizada interna. Pasta de cor N25, com alguns enp finos e fractura conchoidal, pouco dura. Verniz fino, de cor R20, com ligeiro brilho. Diâmetro da carena: 13,1 cm.

11 (SP-98-166) – Fragmento de bordo moldurado externamente. Pasta de cor N25, com alguns enp finos e fractura conchoidal, pouco dura. Verniz fino, de cor R20, com ligeiro brilho. Diâmetro do bordo: 14,2 cm.

- 12 (SP-13-01)** – Fragmento de bordo vertical, com inflexão de perfil entre este e a parede, marcados por moldura interna externa. Pasta de cor P13, muito dura, com raros enp finíssimos. Verniz algo brilhante e de espessura média, de cor R20. Diâmetro do bordo: 16,5 cm.
- 13 (SP-29-55)** – Fragmento de bordo espessado, de pasta dura, porosa, com bastantes enp médios/grandes. Cor K92, embora ainda mais claro. Diâmetro do bordo: 26,7 cm.
- 14 (SP-34-02)** – Fragmento de bordo espessado, de pasta dura, porosa, com bastantes enp médios/grandes. Cor K92, embora ainda mais claro. Diâmetro do bordo: 26,9 cm.
- 15 (SP-05-17)** – Fragmento de fundo com ligeiro pé-de-anel. Pasta algo depurada mas algo porosa, embora as superfícies estejam alisadas; de cor N47, com interior M73. Diâmetro de fundo: 3,4 cm.
- 16 (SP-36-14)** – Fragmento de fundo. Pasta de cor N40, limpa, embora com raros enp negros arenosos. Diâmetro de fundo: 5,1 cm.
- 17 (SP-67-01)** – Fragmento de bordo de vidro incolor. Bordo espessado interna e externamente. Diâmetro do bordo: 25,7 cm.
- 18 (SP-36-09)** – Fragmento de bordo espessado, com canelura no colo. Pasta de cor L50/51, dura, com bastantes enp de médias/grandes dimensões. Diâmetro do bordo: 17,9 cm.
- 19 (SP-96-01)** – Fragmento de colo com canelura. Pasta de cor N71, dura, com bastantes enp de médias/grandes dimensões. Engobe de cor M51. Diâmetro de colo ao nível da canelura: 15,6 cm.
- 20 (SP-17-01)** – Fragmento de bordo em banda. Pasta de cor N29/M30, dura, com bastantes enp de médias/grandes dimensões. Engobe de cor L30. Diâmetro do bordo: 13,6 cm.
- 21 (SP-12-03)** – Fragmento de bordo em banda. Pasta de cor L50, dura, com bastantes enp de médias/grandes dimensões. Engobe de cor M30. Diâmetro do bordo, no limite inferior: 11,4 cm.
- 22 (SP-02-30)** – Fragmento de bordo em banda. Pasta de cor M69, dura, com bastantes enp de médias/grandes dimensões. Diâmetro do bordo: 17,9 cm.
- 23 (SP-29-63)** – Fragmento de bordo em banda, com suaves concavidades interiores. Pasta de cor M67, dura, com bastantes enp de médias/grandes dimensões. Diâmetro do bordo: 20,4 cm.
- 24 (SP-36(I)-12)** – Fragmento de bordo em banda, com arranque de asa com canelura longitudinal. Pasta de cor M77, dura, com bastantes enp de médias/grandes dimensões. Diâmetro do bordo: 17,1 cm.
- 25 (SP-12-09)** – Fragmento de bordo em banda. Pasta de cor P37, dura, algo depurada, com alguns enp de pequenas/médias dimensões. Diâmetro do bordo: 17,9 cm.

Quadro 1. Exemplares classificáveis.									
TSI	TSSG	TSH	TS Lezoux?	Almof. Béticos	paredes finas Tardo-Repub.	Vidro	Ânforas		
							Guadalquivir C.67	C.15	Tejo ou Sado C.15
5	7	3	1	2	2	1	2	6	1

Quadro 2. Número de fragmentos.													
TSI	TSSG	TSH	TS Lezoux?	Alm. Béticos	Par. Fin. Tardo-Repub.	Par. Fin. Imperiais	Vidro	Ânforas					
								Guadalquivir C.67	C.15	Ind.	Tejo ou Sado C.15	Ind.	Gaditana Ind.
27	9	6	1	2	5	3	4	2	6	20	1	4	3

Quadro 3. Inventário de peças não classificáveis.				
N.º de Peça	Tipologia	Tipo	Origem	Descrição
SP-01-03	Terra Sigillata	?	Itálica	Frag. de pé-de-anel
SP-01-05	Terra Sigillata	?	Itálica	Frag. de bojo
SP-01-06	Terra Sigillata	?	Itálica	Frag. de bojo
SP-02-25	Terra Sigillata	?	Itálica	Frag. de bojo
SP-02-28	Terra Sigillata	?	Itálica	Frag. de pé-de-anel
SP-02-24	Terra Sigillata	?	Itálica	Frag. de bojo
SP-02-30	Terra Sigillata	?	Itálica	Frag. de bojo
SP-02-31	Terra Sigillata	?	Itálica	Frag. de bojo
SP-02-37	Terra Sigillata	?	Itálica	Frag. de bojo
SP-05-12	Terra Sigillata	?	Itálica	Frag. de bojo
SP-05-13	Terra Sigillata	?	Itálica	Frag. de bojo
SP-20-01	Terra Sigillata	?	Itálica	Frag. de bojo
SP-27-03	Terra Sigillata	?	Itálica	Frag. de bojo
SP-49(A)-9	Terra Sigillata	?	Itálica	Frag. de bojo
SP-57-12	Terra Sigillata	?	Itálica	Frag. de bojo
SP-57-13	Terra Sigillata	?	Itálica	Frag. de bojo
SP-58-01	Terra Sigillata	?	Itálica	Frag. de bojo
SP-71-02	Terra Sigillata	?	Itálica	Frag. de bojo
SP-71-03	Terra Sigillata	?	Itálica	Frag. de bojo
SP-71-04	Terra Sigillata	?	Itálica	Frag. de bojo
SP-89-02	Terra Sigillata	?	Itálica	Frag. de bojo
SP-98-165	Terra Sigillata	?	Itálica	Frag. de bojo
SP-05-11	Terra Sigillata	?	Sudgálica	Frag. de bojo
SP-34-05	Terra Sigillata	?	Sudgálica	Frag. de bojo
SP-29-73	Terra Sigillata	?	Hispanica	Frag. de bojo
SP-67-02	Terra Sigillata	?	Hispanica	Frag. de bojo
SP-36-13	Terra Sigillata	?	Hispanica	Frag. de bojo
SP-02-26	paredes finas	?	Hispanica	Frag. de bojo

Quadro 3. Inventário de peças não classificáveis [cont.].

<i>N.º de Peça</i>	<i>Tipologia</i>	<i>Tipo</i>	<i>Origem</i>	<i>Descrição</i>
SP-02-27	paredes finas	?	Hispânica	Frag. de bojo
SP-29-08	paredes finas	?	Hispânica	Frag. de bojo
SP-05-16	paredes finas	?	Itálica	Frag. de bojo
SP-29-61	paredes finas	?	Itálica	Frag. de bojo
SP-29-68	paredes finas	?	Itálica	Frag. de bojo
SP-77-01	Vidro cinza opaco	?	?	Frag. de bojo
SP-21(I)-01	Vidro cinza opaco	?	?	Frag. de bojo
SP-21(I)-02	Vidro cinza opaco	?	?	Frag. de bojo
SP-36(I)-03	Ânfora	?	Gaditana	Frag. de bojo
SP-38-01	Ânfora	?	Gaditana	Frag. de bojo
SP-05-01	Ânfora	?	Gaditana	Frag. de bojo
SP-01-02	Ânfora	?	Gaditana	Frag. de bojo
SP-38-02	Ânfora	?	Guadalquivir	Frag. de bojo
SP-103(I)-03+SP-29-64+65+66+67	Ânfora	?	Guadalquivir	Frag. de bojo
SP-96-06	Ânfora	?	Guadalquivir	Frag. de bojo
SP-05-14	Ânfora	?	Guadalquivir	Frag. de bojo
SP-05-15	Ânfora	?	Guadalquivir	Frag. de bojo
SP-29-69	Ânfora	?	Guadalquivir	Frag. de bojo
SP-29-35	Ânfora	?	Guadalquivir	Frag. de bojo
SP-36(I)-04	Ânfora	?	Guadalquivir	Frag. de bojo
SP-0-01	Ânfora	?	Guadalquivir	Frag. de bojo
SP-11-05	Ânfora	?	Guadalquivir	Frag. de bojo
SO-48-9	Ânfora	?	Guadalquivir	Frag. de bojo
SP-48-10	Ânfora	?	Guadalquivir	Frag. de bojo
SP-05(I)-02	Ânfora	?	Guadalquivir	Frag. de bojo
SP-18-01	Ânfora	?	Guadalquivir	Frag. de bojo
SP-18-02	Ânfora	?	Guadalquivir	Frag. de bojo
SP-02-22	Ânfora	?	Guadalquivir	Frag. de bojo
SP-02-23	Ânfora	?	Guadalquivir	Frag. de bojo
SP-58-01	Ânfora	?	Guadalquivir	Frag. de bojo
SP-58-03	Ânfora	?	Guadalquivir	Frag. de bojo
SP-58-04	Ânfora	?	Guadalquivir	Frag. de bojo
SP-21-01	Ânfora	?	Vale do Tejo ou do Sado	Frag. de bojo
SP-02-21	Ânfora	?	Vale do Tejo ou do Sado	Frag. de bojo
SP-03-02	Ânfora	?	Vale do Tejo ou do Sado	Frag. de bojo
SP-05-08	Ânfora	?	Vale do Tejo ou do Sado	Frag. de bojo com com arranque de asa

Quadro 4. Códigos da tabela de cores de A. Cailleux

Código	Munsell	Cor
K92	5 YR 8/1	Blanc
L29	5 YR 7/3	Rose
L30	10 R 8/2	Gris rose
L50	2,5 YR 8/4	Rose
L51	2,5 YR 8/2	Rose
M30	5 YR 7/2	Gris rose
M47	2,5 YR 6/4	Brun rouge clair
M51	5 YR 7/2	Gris rose
M67	7,5 YR 7/4	Rose
M69	7,5 YR 7/4	Rose
M73	2,5 Y 7/0	Gris clair
M77	2,5 Y 7/4	Jaune pâle
N25	10 R 6/4	Rouge pâle
N29	5 YR 6/3	Brun rouge clair
N40	2,5 YR 6/8	Rouge clair
N47	2,5 YR 5/6	Rouge
N71	10 YR 6/1	Gris
P13	7,5 R 5/4	Rouge faible
P25	10 R 5/4	Rouge faible
P37	2,5 YR 5/8	Rouge
R19	10 R 5/6	Rouge
R20	2,5 YR 4/6	Rouge
R39	2,5 YR 5/7	Rouge
S39	2,5 YR 4/6	Rouge

NOTAS

- ¹ O primeiro signatário realizou este artigo enquanto bolseiro de estudo de especialização da Fundação Calouste Gulbenkian.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. [et al.] (1976) - *Fouilles de Conimbriga, vol. VI: céramiques diverses et verres*. Paris: De Boccard.
- AMARO, C. (1990) - Olaria romana da Garrocheira, Benavente. In ALARCÃO, A.; MAYET, F., eds. - *Les amphores lusitaniennes. Typologie, production, commerce. Actes des journées d'études tenues à Conimbriga les 13 et 14 Octobre 1988*. Paris: De Boccard, p. 87-96.
- ARRUDA, A. M.; SOUSA E. (2003) - Cerâmica de paredes finas da Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, p. 235-286.
- BET, P.; VERTET, H. (1986) - Centre de production de Lezoux. In *La terre sigillée gallo-romaine. Lieux de production du haut empire: implantation, produits, relations*. Paris: Maison des Sciences de l'Homme, p. 138-143.

- CALAIS, C., ed. - *O homem e o trabalho. A magia da mão. Catálogo da exposição permanente*. Coruche: Câmara Municipal.
- ETTLINGER, E. [et al.] (1990) - *Conspectus formarum terrae sigillatae italico modo confectae*. Bonn: Habelt.
- FABIÃO, C. (1989) - *Sobre as ânforas do acampamento romano da Lomba do Canho (Arganil)*. Lisboa: UNIARQ/INIC.
- FABIÃO (1993-1994) - O azeite da *Baetica* na Lusitânia. *Conimbriga*. Coimbra. 32-33, p. 219-245.
- FABIÃO, C. (1994) - As ânforas. In NOLEN, J. U. S. - *Cerâmicas e vidros de Torres de Ares. Balsa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 17-36.
- FABIÃO, C.; CARVALHO, A. (1990) - Ânforas da Lusitânia: uma perspectiva. In ALARCÃO, A.; MAYET, F., eds. - *Les amphores lusitaniennes. Typologie, production, commerce. Actes des journées d'études tenues à Conimbriga les 13 et 14 Octobre 1988*. Paris: De Boccard, p. 37-64.
- GARCÍA VARGAS, E. (1998) - *La producción de ánforas en la bahía de Cádiz en época romana (siglos II a.C. - IV d.C.)*. Écija: Gráficas Sol.
- ISINGS, C. (1957) - *Roman glass from dated finds*. Groningen/Djakarta: Academie Rheno-Trajectina (Archaeologica Traiectina; II).
- LILLO CARPIO, P. (1986) - Habitats singulares en la edad Antigua (I). La Cueva de las Peñas Blancas en las lomas de la Carrasca (Cartagena). *Anales de Prehistoria y Arqueología*. 2. Murcia, p. 121-130.
- MANTAS, V. (2001) - Os Romanos na região de Coruche. In CALAIS, C., ed. - *O homem e o trabalho. A magia da mão. Catálogo da exposição permanente*. Coruche: Câmara Municipal, p. 53-70.
- MAYET (1975) - *Les céramiques à parois fines dans la Péninsule Ibérique*. Paris: De Boccard.
- MAYET, F. (1984) - *Les céramiques sigillées hispaniques. Contribution à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique sous l'Empire Romain*. 2 vols. Paris: De Boccard.
- MAYET, F.; SILVA, C. T. (1998) - *L'atelier d'amphores de Pinheiro (Portugal)*. Paris: De Boccard.
- MAYET, F.; SILVA, C. T. (2002) - *L'atelier d'amphores d'Abul (Portugal)*. Paris: De Boccard.
- MOLINA VIDAL, J. (1993) - Las ânforas "Lomba do Canho 67". Aportaciones al estudio de un nuevo tipo: difusión y valoración económica. In *Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología*. II. Vigo, p. 419-424.
- OSWALD, F.; PRYCE, T. D. (1920) [1966] - *An introduction to the study of terra sigillata. With a preface and corrigenda & addenda by Grace Simpson*. London: Gregg Press.
- OXÉ, A.; COMFORT, H.; KENRICK, P. (2000) - *Corpus Vasorum Arretinorum. A catalogue of the signatures, shapes and chronology of Italian sigillata*. 2ª edição. Bonn: Habelt.
- PANELLA, C. (2001) - Le anfore di età imperiale del Mediterraneo occidentale. In LÉVÊQUE, P.; MOREL, J.-P., eds. - *Céramiques hellénistiques et romaines*. III. Paris-Besançon: Presses Universitaires Franc-Comtoises, p. 177-275.
- PASSELAC, M.; VERNHET, A. (1993) - Céramique sigillée sud-gauloise. *Latara*. Lattes. 6, p. 569-580.
- PEACOCK, D. P. S.; WILLIAMS, D. F. (1986) - *Amphorae and the Roman economy. An introductory guide*. London-New York: Longman.
- PINED REYES, J.; ALONSO CAMPOY, D. (2004) - El yacimiento submarino de la Isla de Escombreras. In *Scombraria. La historia oculta bajo el mar*. Cartagena: Museo Arqueológico de Murcia, p. 128-151.
- POLAK, M. (2000) - *South Gaulish terra sigillata from Vechten*. Nijmegen (Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta, Supplementum; 9).
- QUARESMA, J. C. (1995-1997) - Os almofarizes romanos de Povos no contexto do território actualmente português. *Boletim Cultural CIRA*. Vila Franca de Xira. 7, p. 25-46.
- QUARESMA, J. C. (no prelo) - Ânforas romanas provenientes da pesca de arrasto no Tejo, depositadas no Museu Municipal de Vila Franca de Xira. *Revista Portuguesa de Arqueologia*.
- RICCI, G. (1985) - *Ceramica a pareti sotili*. In AA. VV. - *Enciclopedia dell'Arte Antica Classica e Orientale. Atlante delle Forme Ceramiche*. II (Ceramica Fine Romana nel Bacino Mediterraneo. Tardo Ellenismo e Primo Impero), p. 231-358.
- ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I. (1999) - *Terra sigillata hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales*. Jaén: Universidad.
- SILVA, C. T. da [et al.] (1980-1981) - Escavações arqueológicas no castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6-7, p. 149-219.
- SILVA, C. T. da [et al.] (1984) - Escavações arqueológicas na Ilha do Pessegueiro (Sines). Notícias da 2ª campanha (1981). *Arquivo de Beja*. Beja. 2:1, p. 11-46.
- VAZ PINTO, I. (2003) - *A cerâmica comum das villae romanas de São Cucufate (Beja)*. Lisboa: Universidade Lusíada.
- VEGAS, M. (1969) - Munigua: römische Keramik des 1. Jahrhunderts n. Chr. *Madridrer Mitteilungen*. Heidelberg. 10, p. 199-250.
- VEGAS, M. (1973) - *Cerámica común romana del Mediterráneo occidental*. Barcelona: Publicaciones Eventuales.
- VIEGAS, C. (2003) - *Cerâmica, economia e comércio: a terra sigillata da alcáçova de Santarém*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.